

A Festa da bandeira haitiana em Encantado (RS), Brasil

La Fiesta de la bandera haitiana en Encantado (RS), Brasil

Margarita Gavíria¹

Rosmari Cazarotto²

RESUMO

O objetivo deste artigo é abordar os significados da celebração da Festa da bandeira haitiana para uma comunidade de migrantes haitianos estabelecida em Encantado, no Vale de Taquari, Rio Grande do Sul. Apoia-se na etnografia da festa e na análise da mobilidade haitiana na região. Perspectiva metodológica que permite analisar aspectos que configuram a experiência da comunidade migrante haitiana nessa cidade, a única das quatro comunidades migratórias do Vale de Taquari que se mobiliza desde 2014 para celebrá-la. Um evento que utiliza meios de expressão da identidade haitiana como gastronomia, teatro, danças e o relato da história do Haiti. Destacando o valor atribuído à bandeira como símbolo das lutas pela independência no Haiti.

Palavras chave: Festa da bandeira. Haiti. Encantado. Migração. Mobilidade.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es abordar los significados de la celebración de la Fiesta de la bandera haitiana para una comunidad de migrantes haitianos establecida en Encantado, en el Valle de Taquari, Rio Grande del Sur. Basado en la etnografía de la fiesta y en el análisis de la movilidad haitiana en la región. Esta perspectiva metodológica permite analizar aspectos que configuran la experiencia de la comunidad migrante haitiana en esa ciudad, la única de las cuatro comunidades migratorias del Valle de Taquari que se moviliza desde 2014 para celebrarla. Un evento que utiliza medios de expresión de identidad haitiana como la gastronomía, el teatro, los bailes y la historia de Haití. Destacando el valor atribuido a la bandera como símbolo de la lucha por la independencia en Haití.

1 Antropóloga. Pós-doutora UFRGS. Coordenadora do Migrações Internacionais e Pesquisa no Sul – MIPESUL. E-mail: margaritarosagaviria@gmail.com

2 Doutora em Geografia UFRGS. Professora do Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS da Universidade do Vale do Taquari – Univates. E-mail: rosmari.cazarotto@univates.br

Palabras clave: Fiesta de la bandera. Haití. Encantado. Migración. Movilidad.

INTRODUÇÃO

Na primeira década do século XXI, no Vale de Taquari do Rio Grande do Sul, se acentua a falta de mão de obra nas indústrias de alimentos, cooperativas e empresas de construção civil em cidades como Encantado, onde está sediada a Cosuel (Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Ltda). Empresa do ramo alimentício que desde sua fundação, em 1947, é dinamizadora de fluxos populacionais e de transformações sócio espaciais. Para suprir a demanda de trabalho, a Cosuel utiliza mão de obra excedente em áreas rurais do município e em regiões menos dinâmicas economicamente do Estado. Beneficiando-se também dos fluxos populacionais internacionais, de procedências diversas, que a cidade de Encantado tem abrigado ao longo da história. Nos séculos XIX e XX de origem europeia, e no século XXI do Haiti, República Dominicana, Senegal, Camarões e Paraguai.

O maior contingente desses migrantes recentes provém do Haiti. As primeiras levadas trouxeram a Cosuel de ônibus desde o Acre em 2012 e 2013. Já os haitianos que chegaram depois de 2013 vieram por conta própria, apoiados na indicação de parentes e amigos previamente assentados na cidade porque a empresa deixou de subsidiar o transporte e a moradia dos migrantes. À luz das teorias de Sayad (1998), essa mudança da empresa no estímulo ao fluxo migratório é causada por um declínio econômico que a leva a reavaliar os lucros obtidos com a mão de obra do migrante. O recesso econômico afeta aos migrantes porque diminuem os benefícios oferecidos pela empresa, provocando o desencantamento dos migrantes com a experiência migratória em Encantado. Fato que se manifesta na mobilidade permanente, enquanto uns haitianos chegam, outros saem da cidade de Encantado com destinos variados. Mobilizam-se para outras cidades do estado do Rio Grande do Sul ou de outros estados brasileiros, bem como para países como Estados Unidos e Chile. A escolha do lugar se dá conforme as informações acessadas em redes locais e transnacionais.

Considerando a multiplicidade de conexões e experiências dos migrantes, dirigimos a atenção para a relação entre a cidade e os migrantes, com ênfases numa prática cultural de origem haitiana, a Festa da bandeira. A cidade passa a ser, mais do que um cenário ou palco, um espaço constituído por esses encontros, dinamizado por relações sociais locais e transnacionais, como as observadas na Festa da Bandeira haitiana. Evento que possibilita o diálogo entre culturas diferentes, bem como, aproxima setores da sociedade separados por fronteiras, neste caso, migrantes e nativos. Na festa se faz de conta que são todos iguais, disse Perez (2002). Por meio do rito se atualizam estruturas de autoridade, permitindo “situar lado a lado, quem sabe e quem não sabe, quem tem e quem não tem, quem está em contato com os poderes do alto e quem se situa longe deles” (Da Matta, 1978, p. 26). E como assinala Amaral (1998, p. 19), a festa “constitui um

fundamento de comunicação, uma das expressões mais completas e ‘perfeitas’ das utopias humanas de igualdade, liberdade e fraternidade”.

Neste artigo nos propomos a abordar os significados da Festa da bandeira haitiana para a comunidade de migrantes haitianos em Encantado, que, como assinalamos antes, está em constante movimento. A cada edição da Festa os promotores do evento mudam, mas sua relevância é recorrente entre a diáspora haitiana em Encantado, a única das comunidades migratórias do Vale de Taquari³ que se mobiliza desde 2014 para celebrá-la.

Para pensar a festa apoiamo-nos na literatura antropológica e sociológica (Segalen, 2002; Amaral, 1998; Cavalcanti, 2013; Perez, 2002; Da Matta, 1978). Literatura que remete às teorias de Durkheim e, com base nelas, elenca uma série de elementos que a caracterizam, destacando a estreita relação entre festa e ritual. De acordo com Durkheim, toda festa, sagrada ou profana, é um ritual que evoca maneiras de agir e tem por efeito romper a distância entre os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar estados de efervescência coletiva. Tende a reavivar os laços sociais. Os participantes se sentem próximos uns dos outros. O acento é dado no estar junto, na comunhão. Seguindo a distinção de Durkheim entre o sagrado e o profano, atuante nas representações coletivas, a Festa da Bandeira é um ritual de natureza profana, no qual a comunidade haitiana reanima o sentimento que tem de si mesma e de sua unidade.

Vinculado a ideia de efervescência, o divertimento corresponde a uma função expressiva, recreativa e estética da festa, fato acentuado por Durkheim (1978). Inspirada nesse pressuposto, Amaral (1998) argumenta que o divertimento é uma fuga da vida cotidiana. É uma outra forma de vivenciar a vida social, de produzir vínculos baseados não em interesses racionais, mas em sentimentos e emoções. Inserida numa configuração espaço-temporal específica, a festa permite a expressão de valores e emoções que não encontram espaço no mundo do trabalho ou no mundo doméstico (Cavalcanti, 2013). Oportuniza romper tensões do trabalho, dá acesso a uma vida mais livre, menos tensa, distrai de preocupações cotidianas, liberta das amarras da temporalidade linear, ultrapassa o tempo cotidiano. Na festa, as pessoas esquecem do mundo real e se transportam a um mundo onde a imaginação fica à vontade. A festa é um espaço que nega a carência, a precariedade, sem negar a realidade, ao contrário, a realidade é transfigurada e exacerbada por um realismo cómico (Perez, 2002).

A importância de selecionar a festa como eixo de reflexão obedece a que, como canal de expressão de sentimentos coletivos, é, em termos analíticos, um campo fecundo para pensar a experiência social de uma comunidade (Perez, 2002), “... surge como uma área crítica para se penetrar na ideologia e valores de uma dada formação social” (Da Matta, 1978, p. 24) . É uma lente através da qual se observa

3 Há comunidades de migrantes haitianos em Lajeado, Estrela, Arroio do Meio, Teutônia, Poço das Antas.

a dimensão afetiva e sensível da vida social que extrapola o cotidiano, e vai ao encontro de sua cultura e sua tradição (Amaral, 1998). A festa se opõe ao mundo individualizado da rotina de trabalho e das preocupações materiais (Perez, 2002). De acordo com essas ponderações metodológicas, o foco na Festa da bandeira haitiana permite abordar elementos intrínsecos à cultura da comunidade haitiana em Encantado, invisíveis no mundo do trabalho e no mundo doméstico do dia-dia desses migrantes.

A festa, como qualquer ritual, é uma expressão de linguagem verbal e não verbal, e seus componentes são elementos de significação que cobram sentido dentro de um sistema. O aspecto comunicativo da festa aparece nos elementos introduzidos nela. O ritual está sempre dizendo alguma coisa sobre algo que não é o próprio ritual. O ritual por si só não é suficiente para a apreensão de sentido. Festeja-se sempre algo. Nos termos de Segalen (2002), ritual é um conjunto de atos formalizados, portadores de uma dimensão simbólica.

Com base nessas considerações teóricas, o levantamento dos dados da pesquisa foi feito através da etnografia da festa elaborada ao participar como convidadas em todas as edições da Festa da Bandeira. Dados complementados com a análise das informações colhidas ao longo do processo migratório que acompanhamos na pesquisa⁴ desde 2012, quando chegaram os primeiros haitianos a Encantado. Na observação etnográfica percebemos que a festa em questão se constrói em torno de um símbolo, a bandeira do Haiti. Mas como aponta Amaral (1998), não significa apenas um objeto e/ou um acontecimento, mas uma celebração que utiliza diversos meios de expressão. Neste caso, gastronomia, teatro, danças e narrativas da história do Haiti, manifestações que permitem dimensionar o valor que se atribui à bandeira. As danças, os cantos, os desfiles, as representações dramáticas, os objetos usados transmitidos com amor, tudo o que se recebe com alegria e se presenteia aos que participam, tudo é causa de emoção estética, não apenas emoção da ordem moral ou interesse (Perez, 2002).

Para discorrer sobre a Festa da bandeira da diáspora haitiana em Encantado, dividimos o texto em quatro seções. Na primeira, *o significado da Festa da bandeira do Haiti e da categoria diáspora haitiana*, nos remetemos aos elementos históricos que levam a instituir essa celebração no Haiti, os significados dos componentes da bandeira para os haitianos, dentro e fora do país, e o papel da diáspora na construção da identidade nacional, representada pela bandeira. Na segunda seção, *a cidade de Encantado e os migrantes haitianos*, apresentamos o marco histórico e político que estimula o movimento migratório haitiano no Brasil. A mobilidade da comunidade migratória haitiana *na e para* a pequena cidade de Encantado, no âmbito da qual se realiza a Festa da bandeira. Na

4 Projeto de pesquisa “Imigração de haitianos para o Brasil: análises de um processo em construção a partir de um estudo de caso”, financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) do Brasil no biênio 2014-2016 (processo 470375/2014-0).

terceira seção, a *Festa, mobilidades e permanências*, mostramos os paradoxos entre mobilidade e permanência dos migrantes haitianos subjacentes à diáspora haitiana em Encantado, perceptíveis nas mobilidades dos agentes produtores da festa. Por último, *na etnografia da festa*, destacamos os diversos componentes da festa, sublinhando os elementos recorrentes e os mutantes ao longo das cinco edições da Festa da bandeira haitiana em Encantado realizadas.

O SIGNIFICADO DA FESTA DA BANDEIRA DO HAITI E DA CATEGORIA DIÁSPORA HAITIANA

A Festa da bandeira do Haiti é uma homenagem à bandeira do país, elencada como símbolo da independência da França conquistada em 1803. Esta festa é considerada o principal evento cívico celebrado em 18 de maio, dentro e fora desse país. Nela, os haitianos lembram a criação da bandeira do Haiti nas cores azul e vermelho com um painel branco no centro e o brasão de armas do país. O troféu de armas representa o desejo da liberdade do Haiti e a figura da palmeira real simboliza a independência. A palma é coberta pela “Capa da Liberdade”, e o lema “A união faz a força” é retratado em um pergaminho branco (Delfim, 2017). Essa união do povo haitiano é evocada nas mobilizações da diáspora para homenagear a bandeira.

Acerca do significado social da Festa da bandeira, é elucidativa a fala de um dos organizadores dessa Festa em Encantado, em 2019: “o dia 18 de maio pode ser um dia corriqueiro para os brasileiros, mas é uma das datas de maior importância para os haitianos, nela é celebrada a Festa da bandeira de Haiti. Um marco no preço da independência do querido Haiti que é o nosso país”. Enunciado que esse líder haitiano reforça um dia após da Festa, em 19 de maio de 2019, no programa da Rádio Encantado, Conexão Haiti:

“Uma das versões mais aceitas é que exatamente no dia 18 de maio, foi em 1803 durante o Congresso de Arcahaie, Jean Jacques-Dessalines, que era o nosso primeiro líder, que seria responsável por proclamar a independência do Haiti rasgou a parte central da bandeira da França que é azul e branca no meio e vermelha no lado, tirou a parte do meio que é branca e deixou azul e vermelho. O que significa azul e vermelho dos haitianos? Simbolizando união de negros e mulatos. Porque? Porque o Haiti é formado por mulatos e negros. Além do azul e do vermelho, a bandeira haitiana recebeu anos mais tarde o brasão de armas do país composto de um conjunto de armas que remetem o desejo do povo haitiano de se libertar da colonização francesa, além de uma palmeira real junto com ela o lema do país, *a união faz a força*” (Conexão Haiti, 2019).

A união dos haitianos mundo afora é representada pela *diáspora*, categoria que no Haiti tem um significado político instituído pelo ex-presidente Jean-Bertrand Aristide em seu discurso de posse, em 1991. Na ocasião, Aristide recebe no Palácio Nacional em Porto Príncipe haitianos que tinham migrado para os Estados Unidos e outros países, e os cumprimenta como diáspora e membros do décimo departamento geográfico. Espaço virtual criado em 2003 que possibilita a participação política dos haitianos no Haiti sem estarem fisicamente no país. Fato que reforça o lugar do Haiti como país de migração e de mobilidade.

A diáspora, além de gozar do reconhecimento legal como cidadãos haitianos, vivencia um sentimento de pertencimento ao país de origem (Handerson, 2015). É o que os autores chamam de nações sem fronteiras, uma espécie de nacionalismo à longa distância que se alastra nas últimas décadas, nomeado por pesquisadores de transnacionalismo (Basch, Glick-Schiller, Blanc, 1994), categoria usada inicialmente por antropólogos, mas que teve muito impacto em pesquisas sobre migração em diversas áreas de conhecimento.

As raízes do transnacionalismo dentro da antropologia podem ser encontradas em trabalhos anteriores na migração de retorno que enfatiza os vínculos com a terra natal e a noção de que a emigração não necessariamente significa uma partida definitiva nas mentes dos próprios migrantes. Assim como sugere que o retorno não é um retorno definitivo (Brettell, Hollifield, 2015). A noção de transnacionalismo tem sido aplicada particularmente nos estudos antropológicos em razão do crescente interesse dos pesquisadores com os fluxos de pessoas e de elementos culturais através das fronteiras. E na atualidade essa noção representa uma das abordagens teóricas das migrações contemporâneas que enfatiza processos culturais que movimentam pessoas, ideias e capitais (Basch, Glick-Schiller, Blanc, 1994).

A perspectiva teórica que se apoia no transnacionalismo se contrapõe à premissa neoclássica dos estudos sobre as migrações que estipulam que o migrante buscará se integrar na sociedade receptora através da supressão da manifestação pública de identidade. Ao contrário, desta ótica, o transmigrante (como é definido o migrante transnacional) reconfigura sua identidade pública em relação a mais de um Estado-Nação sem esconder o pertencimento duplo.

O termo transnacionalismo é usado para descrever a experiência social interconectada. Nas reflexões sobre o assunto percebe-se que as experiências e as vidas dos migrantes não são segmentadas formalmente entre sociedade de acolhida e sociedade de origem. Os migrantes forjam e sustentam múltiplas relações religiosos, familiares, sociais e políticos que vinculam as sociedades de origem e as de estabelecimento. Ao fazer parte de duas ou mais sociedades, os migrantes constroem campos sociais que atravessam fronteiras geográficas, culturais e políticas, favorecidos pelas novas tecnologias da comunicação (Basch, Glick-Schiller, Blanc, 1994). Além de que, a ênfase na relação entre poder e cultura possibilita conceber aos migrantes transnacionais como sujeitos e

atores em processos hegemônicos de mais de uma nação (Feldman-Blanco, 2009).

Para Handerson (2015), o transnacionalismo é constituído pela noção de pertencimento ao país de origem que os migrantes possuem, independentemente dos seus lugares de residência no exterior. Em termos analíticos, representa uma alternativa em relação aos paradigmas circunscritos ao mercado de trabalho, à aculturação e à mobilidade no espaço da migração. E evoca as múltiplas dinâmicas espaciais pós-século XX, revelando a transformação do cotidiano dos migrantes que, conectados por redes, criam e difundem estratégias de mobilidade e de assentamento.

Na análise da mobilidade de pessoas além das fronteiras dos Estados-nação em diversos sentidos, Sayad (1998) propõe a ruptura com as concepções binárias de emigrar e imigrar, tendo em vista que *imigrante* e *emigrante* constituem o mesmo sujeito. Nesse sentido, migrar é um fato social total, enquanto compreende uma dimensão diacrônica, a história do processo, e uma dimensão sincrônica, a estrutura da sociedade de acolhida junto com o movimento de pessoas que acontece como resultado de uma escolha racional, de uma necessidade ou de uma mera estratégia individual ou coletiva, há um fluxo de materialidades, dinheiro, ideais, imagens, conhecimento e tecnologias. Desta perspectiva, foca-se nas inter-relações entre as categorias espaciais de mobilidade e imobilidade, colocando em pauta elementos de mobilidade presentes em situações de imobilidade e vice-versa. Concepção teórica-metodológica que rompe com uma posição binária na abordagem das inter-relações entre conexões locais e transnacionais, experiências e imaginários da migração, enraizamento e abertura cosmopolita (Salazar, Glick-Schiller, 2013). O incremento das transações transnacionais e da capacidade de dispersão geográfica e de deslocamento acontece paralelamente à ampla concentração territorial de recursos necessários para a administração e a manutenção dessa mobilidade.

Em referência ao contexto haitiano, um quarto da população migra porque a solidariedade e o auxílio humanitário internacional que o Haiti recebe por causa da crise econômica, política e ambiental que acomete o país não contribuem para melhorar suas condições de vida. As dificuldades para encontrar emprego no Haiti são enormes. Apenas 20% da população haitiana é empregada, a opção é desenvolver atividades vinculadas ao comércio de diversas mercadorias ou à prestação de serviços (Audebert, 2012).

Nesse cenário, a migração dos haitianos para outros países é uma estratégia econômica que resolve, parcialmente, as dificuldades financeiras do país. Um terço do orçamento da Ilha é financiado por migrantes que enviam parte da renda ao país de origem. As remessas representam 25% do PIB no Haiti (Fernandes, Castro, 2014). O dinheiro e o que este representa em termos econômicos e afetivos (Cole, 2016) é um dos elementos que se destacam no fluxo transnacional promovida pela diáspora haitiana. Conforme balanço de analistas políticos, a

diáspora faz parte da realidade socioeconômica, educacional e política do Haiti (Handerson, 2015).

Uma das expressões de esse nacionalismo a longa distância da diáspora haitiana em Encantado é a celebração da Festa da bandeira do Haiti que ocorre desde 2014 em 18 de maio (se cai sábado ou domingo) ou em data próxima. O processo de construção dessa diáspora começa em 2012 quando entra ao Brasil um contingente haitiano pelas fronteiras no noroeste do país, principalmente pelo Acre. Estado onde recebe ajuda humanitária organizada pelo governo local com recursos federais, auxílio de igrejas e da sociedade civil. Ao mesmo tempo, o governo brasileiro, através do Conselho Nacional de Imigração (CNIG), lhe concede o visto humanitário. O conhecimento dessa situação se espalha entre os haitianos provocando o fluxo migratório constante, comparável, conforme o Itamaraty⁵, à entrada em massa de japoneses e italianos no final do período imperial e início da República Velha.

A CIDADE DE ENCANTADO E OS MIGRANTES HAITIANOS

A demanda da mão de obra na cidade de Encantado no Vale do Taquari, veiculada pela Cosuel, principal Cooperativa de alimentos da cidade, revela que não só o crescimento econômico de serviços em grandes cidades demanda de força de trabalho internacional com conhecimento técnico. Cidades como Encantado também precisam para seu crescimento econômico do migrante internacional. Sujeito que exerce atividades manuais sem muita qualificação e com baixa remuneração. Seguindo esta orientação metodológica que enfatiza a cidade e os migrantes, não a migração na cidade, argumenta-se que os migrantes contribuem na reestruturação das cidades de assentamento ou daquelas as que estão transnacionalmente conectados. Se no âmbito político os migrantes tendem a ser considerados um problema social, as pesquisas indicam que cada vez mais os migrantes internacionais são atores significantes na reconstituição da vida diária das cidades no mundo, em matéria econômica e política. Contribuem no reposicionamento das cidades de assentamento em termos de escala porque produzem riqueza, trabalham, criam família e reproduzem instituições. (Glick-Schiller, Çaglor, 2011).

5 o Palácio Itamaraty é a sede do Ministério das Relações Exteriores. Assim, Itamaraty é o termo usado para referir-se ao Ministerio mencionado

Mapa 1 - Município de Encantado, Rio Grande do Sul.



Fonte: Adaptado de CODEVAT (2017).

Pequenas cidades como Encantado, sede de um município⁶ de 22.706 habitantes no Vale do Taquari (figura 1), de acordo com dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), são afetadas por competições em investimento, pelas novas economias industriais e por mudanças nas pressões do mercado. Panorama no marco do qual o migrante desempenha um papel importante no processo de mudança. Conforme assinalam Glick-Schiller e Çağlar (2011), na introdução do livro *“Location Migration”*, a economia neoliberal atinge tanto as grandes cidades quanto as pequenas. E os migrantes se incorporam nelas conforme as oportunidades que a cidade lhes oferece, que variam de acordo com o contexto.

As oportunidades que Encantado oferece aos haitianos, ainda que com limitações, referem-se à infraestrutura local e às possibilidades de desenvolver atividades empresariais, arrumar emprego, moradia, investir em educação e estabelecer vínculo com a vida cultural local. Desta perspectiva teórica, os migrantes são residentes de cidades e atores dentro e através do espaço, mais do que comunidades étnicas (Glick-Schiller e Çağlar, 2011). A situação das cidades e dos migrantes nas cidades mudam com o decorrer do tempo.

Quando chegaram, em 2012, os migrantes haitianos contratados pela Cooperativa de alimentos Cosuel, sediada em Encantado, foram distribuídos inicialmente por setores, oito deles foram direcionados para as granjas a trabalhar na Divisão de Produção Agropecuária e na Fábrica de rações, e os demais ficaram no setor de abate de suínos e no setor de desossa na sede da Cooperativa. Atividades consideradas árduas e mal remuneradas pela sociedade local, devido às condições de trabalho em que se realizam. Como assinala Zamberlam (2014, p.15), baseado em dados da UITA – União de Trabalhadores na Indústria de Alimentos e Agricultura -, no Rio Grande do Sul, “a absorção dos novos imigrantes tem se dado devido à desistência de trabalhadores nacionais

6 História oficial de Encantado. Disponível em: <https://www.encantado-rs.com.br/site/municipio.php?id=2>

que consideram essa atividade ‘massacrante’ e ‘penosa’. Os trabalhadores estão expostos às baixas temperaturas e ao ritmo de trabalho repetitivo”.

A Cosuel é a principal empregadora da cidade, tem grande poder econômico, e a massa de trabalhadores gira em torno dela. Em 2019, conforme dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), disponibilizada pelo Ministério da Economia (BRASIL, 2019), no setor de Abate de suínos, aves e outros pequenos animais, em Encantado existiam 1819 vínculos formais de trabalho, dentre os quais 384 eram imigrantes internacionais, perfazendo 21,1% do total.

Os valores e as práticas estabelecidos pela cultura organizacional entram em confronto com os valores culturais mobilizados pelos haitianos. Estes últimos ficam desnorteados e descontentes ao conhecer as concepções de trabalho e as relações sociais de produção que dão sustentação à empresa. Manifestam decepção em relação às expectativas que tinham e solicitam esclarecimentos acerca dos direitos e deveres deles como trabalhadores no Brasil, informação que não encontram no sindicato da categoria. “O sindicato é só para tirar dente, e o bonito que temos são os dentes”, disse um haitiano.

Da ótica dos migrantes, as condições de trabalho da Cosuel não lhes são muito favoráveis a seu projeto migratório. Os salários são baixos, quando convertem para dólar resta muito pouco para viver e enviar dinheiro para o Haiti, enfrentam também instabilidade nos postos de trabalho, os trocam de função com frequência. Isso faz com que se desencadeie uma série de conflitos e tensões entre os haitianos e os representantes da Cosuel. No entanto, quando ocorre a Festa da bandeira haitiana essas desavenças se dissipam, como o revela o fato da empresa contribuir com recursos financeiros para sua realização.

Em nossa pesquisa se confirma o postulado de que a migração no âmbito de pequenas cidades apresenta peculiaridades que a diferenciam da migração em grandes cidades. Glick-Schiller e Çağlar (2011) assinalam que o foco em pequenas cidades abre novas luzes para pensar formas de relacionamentos dos migrantes com as cidades e a conexão transnacional. Fenômeno observado neste artigo a partir das celebrações da Festa da bandeira do Haiti em Encantado desde 2014.

A FESTA, MOBILIDADES E PERMANÊNCIAS

A ritualização da unidade e da identidade haitiana em Encantado manifesta-se nas celebrações da Festa da bandeira do Haiti em Encantado que acompanhamos de 2014 até 2019, período no qual temos feito a etnografia dessa festa. Uma das questões que se destaca na pesquisa etnográfica é o paradoxo entre mobilidades e permanências. Para pensá-lo, nos inspiramos no paradigma das mobilidades que oferece novas perspectivas para estudar “assuntos em movimentos” (Sheller, Urry, 2006). Nessa vertente teórica, as pessoas e as práticas culturais não estão restritas a um território fixo, mas fazem parte de múltiplas redes espaciais e vínculos temporais (Salazar, Glick-Schiller, 2013).

A proposta é abordar o que se mobiliza e o que fica, não num mapeamento ordenado em direção ao móbil ou ao estável, mas numa mistura complexa de estabilidade e movimento. Na análise da Festa da bandeira haitiana em Encantado identificamos mobilidades e permanências. Dados levantados na pesquisa etnográfica revelam que, pelas dificuldades que enfrentam os haitianos, poucos criam laços com a cidade, enquanto as raízes com o país de origem as evocam permanentemente. No início da migração haitiana para Encantado (de 2012 até 2014), a Cosuel ia buscá-los no Acre e oferecia recursos para sua instalação nos primeiros seis meses. Contexto no qual era alta a demanda de mão de obra. A partir de 2015, a crise financeira que atinge a Brasil afeta os migrantes e as opções de emprego são bem limitadas, muitos migrantes ficam desempregados, situação ainda mais prejudicial para as mulheres. As empresas preferem contratar homens porque apesar de que ambos os gêneros podem realizar as mesmas atividades, no caso da contratação de mulheres, a possibilidade de elas ficarem grávidas interfere no andamento do trabalho.

As limitações estruturais e o desempoderamento de cidades (Glick-Schiller, 2011) como Encantado reduzem as oportunidades de conseguir emprego. Os migrantes se mobilizam sempre à procura de um espaço de trabalho que lhes permita desenvolver seus projetos de vida. Aspiram a um emprego com carteira assinada, ter recursos financeiros necessários para viver bem no Brasil, enviar dinheiro para membros das famílias transnacionais mais próximos, geralmente no Haiti, melhorar a qualidade de vida deles e de seus familiares, construir casa no país de origem e dar continuidade à formação escolar. No Haiti, a educação do ensino fundamental até a formação universitária é privatizada, e o custo é muito alto. Entre os que têm vínculo de trabalho, a remuneração é baixa. Portanto, carecem de recursos financeiros para realizar os ansiados projetos migratórios.

Os que migram para Encantado com formação profissional frustram-se porque a Cosuel não lhes oferece espaço para desenvolver suas habilidades e seus conhecimentos profissionais. A Cooperativa contrata os migrantes em setores operacionais para desempenhar funções que os brasileiros não querem, ignorando a competência técnica e/ou profissional que alguns haitianos têm.

O grau de escolaridade não é considerado. O sentimento de frustração e o inconformismo com a situação foram manifestos pelos primeiros migrantes que chegaram a Encantado em 2012. Muitos deles eram profissionais formados no Haiti em direito, comunicação, artes, letras, entre outros. Mas na cidade de Encantado não foram reconhecidos como profissionais. As opções de emprego para eles eram iguais às dos haitianos com nível de escolaridade de ensino fundamental ou Ensino Médio.

Esse cenário leva a alguns haitianos a se mudarem para outras cidades do sul do Brasil ou para outros países em busca de melhores oportunidades. No Brasil, os destinos conhecidos destes migrantes que saem de Encantado, após um ou dois anos tentando melhorar suas condições de vida, são Chapecó, Florianópolis ou Curitiba. Um dos destinos internacionais principais é os Estados Unidos. Percurso que fazem atravessando as fronteiras por terra do Peru, Equador, Colômbia, Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Guatemala e México. Fenômeno que se intensifica em 2016 quando os haitianos tiveram conhecimento da possibilidade de migrar como asilados humanitários para os Estados Unidos, em decorrência da instabilidade política no Haiti. Nesse contexto, membros das famílias transnacionais nos Estados Unidos atuam em apoio àqueles haitianos que estão em Encantado e decidem ir atrás do sonho americano. Para alcançar esse sonho correm risco de vida, muitos dos trechos são feitos a pé, são vítimas de coiotes, passam fome e alguns morrem na Selva do Darien (entre a Colômbia e o Panamá). No México, conseguem autorização para entrar nos Estados Unidos como asilados políticos, dali voam até a Califórnia onde ficam presos enquanto esperam que um parente que está nos Estados Unidos os procure. Este caminho em direção ao sonho americano foi aberto por indianos e senegaleses que moravam no Vale do Taquari. Como deu certo nos primeiros meses de 2016, os haitianos seguiram o exemplo. Acerca desse rumo migratório, o Instituto Nacional de Migração (INM) informa que 7.800 haitianos migraram para os Estados Unidos entre janeiro e setembro de 2016. Este número alertou as autoridades americanas e começaram a controlar o acesso e a fazer deportações de haitianos em situação irregular, sem documentação (Prado, 2016).

O processo de saída do Brasil destes imigrantes em 2016 teve também como destino o Chile, onde o salário representava 100 dólares a mais do que no Brasil. Alternativa que buscaram para driblar os efeitos da crise econômica brasileira em suas vidas. De janeiro até maio de 2016, a Polícia Federal registrou 3.234 saídas de haitianos, o dobro de 2015. Para entrar, o governo chileno exige também aos migrantes o convite de uma pessoa que está no Chile. A presença haitiana no Chile a revelam os dados apresentados pelo Banco Central chileno. Indicam que em 2016 a remessa de dinheiro do Chile para o Haiti chegou a 36 milhões de dólares, um aumento de 386,48% em relação ao ano anterior, quando totalizou 7.4 milhões de dólares. Informam também que cada remessa é em torno de 200 dólares, sendo que as mulheres enviam dinheiro duas vezes por mês e os homens uma (Prado, 2016).

Ao migrar os haitianos esperam adquirir os recursos que lhes garantam a mobilidade social no país de origem, já que a narrativa da migração como mobilidade física está integralmente ligada à possibilidade de mobilidade social. Enquanto não conseguem esses recursos, continuam a se mobilizar por cidades e países. Não pensam no retorno ao Haiti. O sonho é voltar ao país de origem quando obtiverem os recursos financeiros suficientes para ter uma boa qualidade de vida. Muitos haitianos e algumas haitianas aspiram a ter diploma de curso superior, requisito básico para melhorar o status social no Haiti.

A seleção dos lugares de destino é condicionada pelos contatos. Ter amigos ou parentes que migraram estimula a decisão de se mudar para outro local. Os haitianos dirigem seus projetos migratórios para Encantado porque têm algum conhecido no local que lhes oferece apoio. Em situações de crise econômica, como a que atravessam os migrantes haitianos no Brasil, os laços transnacionais, sejam familiares ou de amizade, mobilizam as pessoas para outros lugares. As referências à história da migração haitiana mostram que a experiência legal, social, política e econômica de viver numa variedade de localidades distintas e as interconexões entre esses lugares através do parentesco, sites da internet, comida, música e religião cria uma complexa mistura de solidariedade e distância. O simulacro de memória comum contém diferentes experiências, sensibilidades, estados afetivos, desejos e ideologias de pertencimento. E essa ampla diversidade pode alimentar o anseio por uma identidade e comunidade partilhadas.

Os fatores expostos acima estimulam o fluxo de chegadas e saídas de haitianos e haitianas *de e para* Encantado, elucidativo ao observar quem são os haitianos que participam das celebrações da Festa da bandeira em Encantado. Os organizadores do evento nos primeiros anos (2014 e 2015) não estão mais em Encantado. Ao longo dos anos, através dos migrantes haitianos envolvidos nas celebrações, percebemos a ampla mobilidade da diáspora haitiana em Encantado.

ETNOGRAFIA DA FESTA

A Festa da bandeira de Haiti é um evento que ritualiza simbolicamente as relações dos migrantes haitianos com a cidade de Encantado. Revela que, nos processos de mobilidade pelos espaços, os migrantes carregam memórias culturais. A mobilidade inclui jornadas gestadas por desejos, obrigações, nostalgia, imagens, símbolos e práticas culturais (Groes e Fernandez, 2018), como a referida festa. Evento que serve de mediador entre a cultura dos migrantes e a cultura da sociedade de acolhida, e evoca identidades culturais que dão sentido e uma experiência migratória não segmentada por fronteiras (Cazarotto e Mejía, 2018).

Ao acompanhar o movimento dos migrantes em torno da Festa da bandeira haitiana em Encantado notamos que os únicos anos em que não houve festa foi em 2017, 2020 e 2021. Em 2017, por causa da ampla migração de haitianos de Encantado para os Estados Unidos. Este movimento foi provocado pela crise política e econômica gerada pelo impeachment da Presidente Dilma no Brasil em 2016. Nas falas os haitianos afirmavam que tinham que sair porque quem os trouxe foi o ex-presidente da república, Lula. E em 2020 e 2021 não fizeram a Festa em decorrência da crise sanitária gerada pelo coronavírus.

Não apenas observamos mobilidades físicas, mas também sociais. Percebemos que na primeira Festa é expressiva a presença dos membros da Igreja Católica do município, através da comunidade scalabriniana, de autoridades públicas e empresariais. Fenômeno que com o decorrer dos anos muda. Na primeira festa, celebrada no dia 18 de maio de 2014 em Encantado, organizada por um comitê constituído por haitianos, havia representantes das lideranças públicas e privadas da cidade. Estavam o prefeito do município e alguns executivos da empresa Cosuel. O perfil dos sujeitos participantes nas seguintes edições da Festa da bandeira muda, não é mais configurado por autoridades do município e da empresa. Este é um dos dados que evidencia que a festa não tem uma estrutura fixa, ela é perpassada por mudanças propulsoras de movimentos em diversos sentidos, como assinalamos a seguir.

A primeira Festa da bandeira começou com uma missa na Igreja matriz da cidade, oficiada por dois padres católicos, um haitiano e um brasileiro, nas duas línguas, português e crioulo. Na celebração religiosa, uma comitiva haitiana desfilou na Igreja carregando os símbolos do migrante na cidade (mala, sandálias, vinho, pão, trigo e mapa-múndi), vestindo trajes de festa. A presença da Igreja católica foi central nesta primeira Festa⁷. Nas outras edições essa participação decresce gradualmente, as festas deixaram de estar precedidas por missas, bem como observamos a diminuição gradual do envolvimento da comunidade scalabriniana, vinculada à Igreja Católica, sediada na cidade de Encantado, que tem por função acolher os migrantes e atendê-los em suas necessidades básicas. A quantidade de voluntárias scalabrinianas participando da festa a cada ano é menor. Um fato que elucida essa diminuição do apoio da Igreja Católica na realização da festa destaca-se em 2019. Neste ano não estava disponível o salão paroquial da Igreja matriz, local onde todos os anos acontecia a festa, e teve que ser realizada na Igreja católica Nossa Senhora de Aparecida localizada num bairro da cidade. Este acontecimento simboliza a transferência da Festa do centro para a periferia da cidade. Um movimento que indica a marginalidade que esta prática adquire no âmbito da cidade de acolhida.

Depois da primeira celebração em 2014 não observamos nenhuma expressão de religiosidade da comunidade haitiana na festa. E, ao longo dos anos, tem diminuído a quantidade de pessoas e o status social das pessoas vinculadas

7 Festa da Bandeira 2014 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1IHyoB5auhE>

à administração da cidade que participa dessa celebração. O caráter “oficial” da primeira festa o percebemos na apresentação da orquestra municipal de Encantado, como uma das pautas de sua programação. Contando a orquestra nessa ocasião com dois de seus integrantes haitianos. Posteriormente houve nessa festa a apresentação da Banda Famosa, integrada unicamente por haitianos, que interpretou a música dos haitianos com o ritmo *Kompa*. Além do hino do Haiti, os componentes dessa Banda cantaram a música *Haiti Cherie*, música que tem uma relação muito próxima com o Haiti, considerada o segundo hino do país pela comunidade haitiana dentro e fora do país. Evoca um sentimento nacionalista, a imagem de saudade da pátria, exaltando as virtudes da terra e do povo (Santos, 2018). A Banda Famosa se desfez quando seus integrantes foram embora da cidade de Encantado. Sabemos que há haitianos que participam de bandas em igrejas evangélicas em Encantado, mas estas não se apresentam na Festa da bandeira do Haiti, apenas tocam música religiosa em Igrejas pentecostais que a maioria deles frequenta.

Outra questão que percebemos marcante na primeira Festa foi o envolvimento de haitianos que moram em cidades próximas. Para esse evento vieram, em ônibus fretado, haitianos que estavam assentados em Serafina Corrêa, também estiveram haitianos residentes em Lajeado⁸. Quer dizer, a extensão da primeira festa ia além da comunidade de haitianos que mora em Encantado. A mobilidade de conterrâneos para Encantado a participar da Festa da bandeira não ocorre nas outras edições. Não porque as comunidades migratórias em outras cidades tivessem começado a celebrar a Festa da bandeira, já que, como consta em nosso registro das pesquisas etnográficas, a única cidade da região que celebra a Festa da bandeira é Encantado. Lajeado e outras cidades maiores, próximas, como Estrela e Arroio do Meio, onde o contingente de migrantes haitianos é amplo, não comemoram esta festividade nacional haitiana. As festas que as comunidades haitianas celebram em cidades próximas são de caráter religioso, vinculadas a igrejas evangélicas.

Notamos também que no decorrer dos anos, o movimento da diáspora para envolver a sociedade local nesta celebração, convidando-a a participar, muda. Enquanto nas primeiras celebrações se mobilizaram através da venda de convites e da comunicação social para atrair grande público, formado por nativos da cidade, para o local do evento. Nos dois últimos anos (2018 e 2019), a Festa da bandeira inicia com um desfile de haitianos e haitianas pela cidade de Encantado, usando roupa confeccionada para a ocasião, anunciam a celebração da Festa. No desfile dançam e marcham ao som do hino Nacional do Haiti representado em coreografias, exibindo as bandeiras do Haiti e de Encantado (foto 1), e anunciando o evento num carro de som alugado, pela cidade.

8 Serafina Correa está a 77 quilômetros de Encantado. Lajeado a 30 quilômetros.

Foto 1 - Desfile de haitianos e haitianas pela cidade de Encantado na Festa da bandeira.



Fonte: acervo da pesquisa.

A polícia de Encantado acompanha o desfile parando o trânsito para que os haitianos possam realizá-lo sem obstáculos, enquanto muitos encantadenses observam curiosos o espetáculo desde as varandas e janelas. Um dia após a festa de 2019, o líder do evento agradece durante o programa de rádio, *Conexão Haiti*, à brigada militar que garantiu a segurança nas ruas e “aos amigos brasileiros que foram lá compartilhar conosco esse momento, brasileiros e dominicanos também que estavam lá no salão Nossa Senhora Aparecida. Então ontem foi isso, a união fez a força. Festejamos a nossa festa que é a Festa da Bandeira do Haiti. Foi maravilhoso!”

Em 2018, um dos organizadores distribuía bandeirinhas do Haiti para o público. Essa festa foi noticiada por um jornal da região. A jornalista ao entrevistar haitianos que estavam concentrados para dar início ao desfile queria saber o significado da festa para eles. O haitiano, líder do evento nos dois últimos anos, Jempson Duperval, lhe responde “A nossa bandeira é o nosso orgulho e a nossa identidade” (Feraboli, 2018).

O percurso da caminhada até o salão paroquial, local da festa, durou por volta de uma hora nas duas últimas edições da Festa. Na chegada ao salão, para entrar há que comprar um ingresso que dá direito à comida e a participar de um sorteio. Essa prática a observamos em todas as celebrações da festa. Há uma comissão

de haitianos na frente do salão cobrando o ingresso, e no final da festa, com o número do boleto se concorrem a prêmios. Em 2019 era um micro-ondas.

No lugar de missa, nas últimas celebrações têm havido representações teatrais com temas referentes aos migrantes e à situação do Haiti. Uma das atividades recorrentes na programação da festa são as falas acerca da história do Haiti. Convidam brasileiros a escutar relatos da história do Haiti. Nessas narrativas, sempre em crioulo com tradução a português, apresentam com bastante orgulho a história de lutas dos haitianos, desde a independência. Abordam o tema da escravidão e da independência haitiana, ressaltando a atuação de personagens importantes da história. Neste evento se estabelece a conexão com um passado idealizado que Cailloi (1950) e Mircea Eliade (1972) chamam um retorno às origens. É uma forma de reviver o tempo original. Essa conexão se manifesta nos relatos da história do Haiti como uma das principais atividades da programação da Festa.

Os discursos evocam um fenômeno característico da cultura haitiana, a identidade nacionalista. Remetem-se ao Haiti como um país construído por negros. Destacam o orgulho de pertencer a ele, por ser o primeiro país de população negra que conquistou a liberdade. Os haitianos manifestam uma forte identidade com as origens culturais do país natal, sendo a cor da pele um signo desse elo com o território nativo. Em uma conversa sobre o assunto, um dos haitianos dá voz a esse sentimento patriótico: “a cor não é problema, para nós ser negro não é problema, a gente gosta de ser negro pela história, porque como primeiro povo independente a gente ficou contente, mais a história de ser o primeiro povo negro a ganhar a liberdade”.

Ser haitiano é ser negro e gostar de sê-lo, mesmo que na relação com as pessoas de Encantado percebam discriminação por causa da cor da pele. Acerca dessa discriminação pronuncia-se um haitiano: “é preconceito, pensam que a gente por ser negro é ignorante, falam mal da cultura. É uma grande diferença por ser estrangeiro”. A história de lutas do Haiti é um elemento do orgulho dos haitianos, principalmente por terem vencido em guerras contra adversários poderosos econômica e politicamente, como a França e os Estados Unidos (Mejía; Simon, 2015, p. 37). No discurso perpassa a ideia de que ser negro e ser estrangeiro são marcas de identidade que geram estranhamento no âmbito das pessoas nativas de Encantado, mas, da perspectiva dos migrantes haitianos reforça o sentimento de pertencimento ao Haiti.

Um dos destaques na celebração da segunda festa da bandeira em Encantado, em 2015, foi a apresentação de slides com fotografias das paisagens do Haiti, onde percebemos uma preocupação da diáspora haitiana em romper com a imagem de miséria humana que os meios de comunicação divulgam do Haiti, e a vontade de mostrar as riquezas naturais desse país, destacando as praias paradisíacas. Exibem nos slides as belezas naturais do Haiti, em contraste com a

pobreza e dificuldades que a maior parte da população vive no Haiti⁹. Já na festa de 18 de maio de 2019 percebemos que o tema central era a história da bandeira do Haiti, ilustrada didaticamente com a apresentação das diferentes bandeiras num cartaz (foto 2).

Foto 2 - Apresentação durante a festa da bandeira.



Fonte: acervo da pesquisa.

Na celebração da Festa da bandeira de 2019, houve diversas atividades artísticas: danças, música e teatro. Apresentações inspiradas na situação do Haiti. Nelas mobilizam-se para fazer uma personificação do país natal como uma criatura que sofre e padece até cair, mas depois ressurge e cresce. A maior parte dos presentes na festa era haitiano, riam com as representações teatrais que eram em crioulo. A diferença de outras celebrações em que a tradução era simultânea, nesta, o líder resumia em curtas frases o significado das apresentações. Fato que revela como o movimento dirigido a estabelecer um diálogo cultural com os brasileiros presentes nas celebrações diminuiu com o passar dos anos. Evidenciando, com foco no transnacionalismo, que a Festa e seus componentes simbolizam o estreito vínculo dos migrantes com seu país natal.

Das apresentações artísticas, teatro e dança participam as pessoas mais novas da comunidade haitiana, enquanto as mulheres mais velhas são as encarregadas

9 Festa da Bandeira 2015 disponível em: <https://youtu.be/2MR29oS1uo8>

de preparar pratos da culinária haitiana. Há uma divisão de tarefas por gênero e gerações. Uma das atividades da festa é o ritual da comensalidade, onde exibem sua cultura alimentícia (foto 3). Esse convite a degustar a comida haitiana tem sido observado em todas as festas da bandeira. Em algumas festas notamos mais abundância de comida do que em outras.

Foto 3 - Comensalidades na festa da bandeira.



Fonte: acervo da pesquisa.

Nos alimentos oferecidos predomina o frango frito, muito apimentado, saladas em abundância, arroz, frutas, *Banane Pésée* (banana verde frita), *legumm*, um prato à base de legumes, como cenoura, repolho, berinjela e agrião. Nessa mesa confirma-se a observação de Woortman (2013) de que o componente mais importante dessa refeição cerimonial é de origem animal. Aliado à ideia de que a seleção das comidas preferidas constitui uma linguagem, um código, que fala de suas origens sociais, de suas identidades. Sobre o assunto, Mintz (2001) argumenta que as práticas alimentares e os hábitos que estão relacionados ao ato de comer são fenômenos socioculturais, historicamente construídos pela humanidade, que variam conforme a cultura, condições geográficas, convenções

sociais e acúmulos de experiências.

Os hábitos alimentares, enquanto aspectos culturais, podem revelar identidades e costumes presentes no cotidiano social demarcado no tempo e no espaço. O comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social, e isso parece valer para todos os seres humanos (Mintz, 2001). De maneira que a dimensão simbólico-ritual da comida se expressa nas práticas de comensalidade que se destacam na Festa da bandeira. De acordo com Imilan (2015), na Festa o alimento é apresentado para ser compartilhado e comunicar diferenças. No âmbito das comunidades transnacionais, a comida é um canal de comunicação entre migrantes e a sociedade de acolhida, é um elemento cultural de recriação da identidade nacional através do qual a diáspora manifesta suas diferenças e busca o reconhecimento da sociedade de acolhida.

Por fim, nas diversas edições da Festa da bandeira haitiana observadas tem sido recorrente a exibição da bandeira do Haiti de diversas formas. Não só no mastim, mas nos dentes e nas sobancelhas de algumas mulheres pintadas com as cores da bandeira, em camisetas brancas com o brasão do Haiti confeccionadas para serem usadas nos desfiles e durante a festa. Perambulam no cenário do evento imagens de haitianos com a bandeira colada ao corpo, desenhada no couro cabeludo, de capa por cima da roupa ou em lenços. A deificação do símbolo da bandeira do Haiti coaduna com a exibição da bandeira da cidade de acolhida, sinal de respeito pela cidade de Encantado que simboliza o vínculo da diáspora a dois países, de origem e de acolhida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No texto mostramos os significados da Festa da bandeira do Haiti para uma comunidade haitiana na cidade de Encantado – Rio Grande do Sul, a única das comunidades haitianas da região que se mobiliza para a realização deste evento. Assinalamos que, de modo geral, esta Festa é constitutiva dessa experiência migratória. Uma experiência caracterizada por mobilidades e permanências de migrantes haitianos, *na* e *para* essa cidade, que se reflete na falta de fixidez da estrutura da festa. Nela, os protagonistas e a programação mudam a cada edição. Dando nas primeiras edições da festa maior espaço a elementos de comunicação cultural com a população nativa, e nas últimas, um maior espaço ao etnocentrismo, um foco no alimento da identidade com a cultura do país de origem.

Consideramos tanto os fatos históricos que dão origem a esta festa, quanto a importância da diáspora na deificação deste símbolo de liberdade e independência que é a bandeira. Essa festa representa uma evocação à história

de um país marcado por diversas lutas contra colonizadores que intensificam o sentimento da identidade nacional. No qual frisam ser negros e antigos escravos protagonistas de batalhas icônicas como o enfrentamento ao exército francês de Napoleão. Sentimento que se reproduz de geração em geração e transcende fronteiras nacionais, reforçando vínculos transnacionais. Fatos lembrados durante a festa, na apresentação das narrativas históricas acerca do Haiti. No artigo, destacamos também os diversos elementos de comunicação que fazem parte da festa, evocados na ritualização da identidade cultural haitiana através da gastronomia, teatro, danças e as narrativas acerca da história do Haiti. Com destaque ao valor que se atribui à bandeira, incorporada aos corpos de diversas formas, na linguagem expressa através da comida, nas representações teatrais em que o Haiti é a personagem principal e nas vivências dramatizadas pela diáspora no contexto migratório. Essas práticas as observamos nas celebrações da Festa da bandeira realizadas pela diáspora haitiana em Encantado, processo do qual participamos ao longo de nossa pesquisa etnográfica, entre 2014 e 2019. Ponderando que esses componentes humanos e não humanos da festa não são fixos.

Evento que nos dois últimos anos, 2020 e 2021, foi interrompido pela pandemia causada pelo coronavírus Sars-CoV-2 e tem potencializado e evidenciado as vulnerabilidades a que os migrantes haitianos estão expostos. Com muita tristeza registramos que eles têm sido vítimas não só de problemas de saúde decorrentes do coronavírus, mas de práticas de marginalização social causadas pelo fato de trabalhar num frigorífico identificado como foco de contaminação, pelo aumento do desemprego durante esta crise econômica e pela desvalorização da moeda que leva a diminuir o valor das remessas enviados ao Haiti.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUDEBERT, Cedric (2012). *Territoires migratoires et réseaux transnationaux em La Diaspora Haïtienne*. Rennes: Presses Universitaires.

AMARAL, Rita. (1998) . As mediações culturais da festa. *Revista Mediações*. Londrina, jan/jun. de 1998, Vol. 3. N. 1.p. 13- 22

BASCH, L; GLICK-SCHILLER, N; BLANC SZANTON-, C. (2005). *Nations Unbound: transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialised nation-states*. Basel: Gordon and Breach, London, Routledge.

BRASIL. Ministério da Economia. Relação Anual de Informações Sociais, 2019. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>. Acesso em: 25. mar. 2021.

BRETTELL, Caroline B e HOLLIFIELD, James F. (2015). Introduction Migration Theory: talking across disciplines. Routledge, 2015, pp. 1-29.

CAILLOIS, Roger. (1950). *L'homme et le sacré*. Paris: Gallimard, 1950.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. (2013). *A festa em perspectiva antropológica: carnaval e os folguedos do boi no Brasil*, 19 de janeiro de 2013. http://cral.in2p3.fr/artelogie/IMG/article_PDF/article_a183.pdf. Acesso em 21 de março de 2021.

CAZAROTTO, Rosmari. T.; MEJÍA, Margarita. R. G. (2018). Repercussão socioespacial da imigração haitiana numa pequena cidade: o caso de Encantado – Rio Grande do Sul – Brasil. *R. Ra'èGa*, Curitiba, v. 45, p. 170-186, dez. 2018.

CODEVAT (2018) *Plano estratégico de desenvolvimento do Vale do Taquari 2015-2030*. Lajeado: Ed. da Univates.

COLE, Jennifer.(2016). Giving Life: Regulating Affective Circuits among Malagasy Marriage Migrants in France in Affective Circuits African Migrations to Europe and the Pursuit of Social Regeneration. Org. Jennifer Cole, Christian Groes. The University of Chicago Press, 2016.

CONEXÃO HAITI. (2019). Encantado. Rádio Encantado. 10 maio 2019. Rádio Disponível em: <https://www.facebook.com/392452548229003/videos/1227468237407837>. Acesso em 10 de dez. 2019.

DA MATTA, Roberto.(1978). *Carnavais. malandros e heróis - Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DELFIN, Rodrigo Borges. (2017). *Por que o dia 18 de maio é tão importante para os haitianos?* Migra Mundo, 18 mai. 2017. Disponível em: <https://migramundo.com/por-que-o-18-de-maio-e-tao-importante-para-os-haitianos-saiba-mais-sobre-a-festa-da-bandeira-do-haiti>. Acesso em: 13 de novembro 2019.

DURKHEIM, Émile. (1978). *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura et al. São Paulo, Abril Cultural.

ELIADE, Mircea. (1972). *El mito del eterno retorno*. Madrid: Alianza Editorial.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Conceição. (2014). Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral. *Relatório do Projeto*. Belo Horizonte, Centro Zanmi. Disponível em:

FELDMAN-BIANCO, Bela. (2009). Reinventando a localidade: globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. *Horizontes Antropológicos* vol. 15, n. 31, 2009, pp. 19-50. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n31/a02v1531.pdf>> Acesso em 05 de abr. 2017.

FERABOLI, Gisele. (2018). Haitianos celebram Dia da Bandeira. *Jornal A Hora*, 22 maio 2018. Disponível em: <https://www.jornalahora.com.br/2018/05/22/haitianos-celebram-dia-da-bandeira>. Acesso em: 13 de nov. 2019.

GLICK- SCHILLER, Nina; ÇAGLAR, Ayse (Eds).(2011). Introduction: Migrants and cities. In: *Locating migration: rescaling cities and migrants*. New York: Cornell University Press, 2011

GROES, Christian; FERNANDEZ, Nadine.(2018). Intimate Mobilities and Mobile Intimacies. In: *Intimate Mobilities: Sexual Economies, Marriage and Migration in a Disparate World*. Editors, Christian Groes and Nadine Fernandez. Berghan Oxford, 2018, pp: 11- 44.

HANDERSON, Joseph. (2015). *Diáspora, sentidos sociais e mobilidades haitianas*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015. IBGE, 2019. Cidades. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/encantado/panorama>. Acesso em: 16 maio 2020.

IMILAN A., Walter (2015).Performing national identity through Peruvian food migration in Santiago de Chile. *Fennia* 193: 2, 227–241.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; SIMON, Renel. (2015). *Sonhos que mobilizam o migrante haitiano: biografia de Renel Simon*. Lajeado-RS, Univates, 2015.

MINTZ, Sidney W. (2001). Comida e antropologia. Uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 16 nº 47 out. 2001, p. 31-41.

PEREZ, Léa Freitas. (2002). Antropologia das efervescências coletivas. In: *A Festa na vida: significado e imagens*. Mauro Passos (organizador). Vozes,, pp: 15-58

PRADO, Emilio S. A. (2016). Para fugir da crise, haitianos trocam o Brasil pelo Chile. *Folha de São Paulo*. 8 mai. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/05/1768958-para-fugir-da-crise-haitianos-trocam-o-brasil-pelo-chile.shtml>.

SALAZAR, Noel B; GLICK-SCHILLER, Nina. (2013). *Regimes of mobility across the globe*. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. Vol. 39.

SANTOS, Caetano Maschio. (2018). *Ayisyen kite lakay (Haitianos deixam suas casas): um estudo etnomusicológico do musicar de artistas imigrantes haitianos no estado do Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. 169 pag.

SAYAD, Abdelmalek. (1998). *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Prefácio Pierre Bourdieu; tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 286p.

SEGALEN, Martine. (2002). *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, 161 pp.

SHELLER, Mimi. URRY, John. (2006). *The new mobilities paradigm*. *Environment and Planning A*, 2006, p. 207-226.

WOORTMAN, Ellen. (2013). A comida como linguagem. *Habitus Goiânia*, vol II, N.1, p. 5-17.

ZAMBERLAM, Jurandir; CORSO, Giovane; CIMADON, João Marcos; BOCCHI, Lauro. (2014). *Os Novos Rostos de imigração no Brasil – haitianos no Rio Grande do Sul*. CIBAI Migrações. Pastoral da Mobilidade Humana, Brasil, 2014. 81p.